Anais de Resumos Expandidos
VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais
ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

Não estamos sozinhos: entendendo como IA participa e afeta relações amorosas entre humanos[1]

We are not alone: Understanding how AI contributes to and affects romantic relationships between humans

Guilherme Batista

Palavras-chave: IA; Intimidade Artificial; Bajulação; Estigma.

Desde a abertura comercial das Large Language Models (LLMs) em 2023, observa-se um fenômeno global: a integração dessas ferramentas em camadas íntimas da existência humana (Cheng et al., 2026; B. Pani et al., 2024). Essa dinâmica não é espontânea — a intimidade tornou-se um modelo de negócio (Crawford, 2021). As plataformas disputam dados cada vez mais pessoais, e as IAs acompanham esse processo (Bozdağ, 2025), permitindo que usuários se corporifiquem (Hansen, 2004) e construam relações de confiabilidade com as LLMs.

Para tornar essa interação mais confortável, as LLMs investem em acessibilidade e personalização (Xueqing et al., 2026; Lee et al., 2025), utilizando linguagem eloquente e receptiva. Em casos extremos, essa dinâmica produz bajulações excessivas e não críticas, fenômeno denominado AI-Sycophancy (Petrov et al., 2025; Du et al., 2026) ou simplesmente bajulação. Essa bajulação opera em três dimensões: informacional (valida fatos falsos), cognitiva (confirma crenças sem

[1] Trabalho apresentado ao VIII Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais. POSCOM-UFBA. Salvador, Bahia. POSCOM-UFSM. Santa Maria, RS. ECA-USP. São Paulo/SP.

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

contexto) e afetiva (reforça estados emocionais sem criticidade) (Du et al., 2025; Chen et al., 2025).

Essa construção agenciadora entre humano-máquina (Deleuze & Guatari, 2016) formula uma composição de interaction (Barad, 2007) que envolve uma interferência algorítmica. Nesse sentido, essa situação traz aspectos de discussão, elaboração e criação de discernimento a partir de uma atividade que busca reorganizar processos emocionais, cognitivos e mentais (Skjuve et al., 2023; Xueqing et al., 2025). Antigamente produzido com pessoas ou em certos objetos, este fenômeno de descarregamento cognitivo (Risko & Gilbert, 2016) - Por definição, se trata da atividade comum dos seres humanos em utilizar aspectos do ambiente para realizar esforços cognitivos (como a memória, emoção e até raciocínio) e diminuir os esforços somáticos (Hayles, 2017) -, que se tornou perceptível no desenvolvimento desta investigação, se destaca por atividades em que envolvem uma participação profunda no processo identitário (Melucci, 2001), tendo consequências em outros processos corpóreos.

Porém, para que este processo aconteça de uma maneira profunda com trocas simbólicas de realizações culturais (Salehi et al., 2025), a capacidade de descrição de si (Mou et al., 2023) e das experiências dará condições de criar profundidade neste na vinculação de intimidade (Xueqing et al., 2025), além da capacidade estrutural e de desempenho (*affordance*) da estrutura digital que é construída. Sem este processo, não há confiança na realização do processo comunicacional e psicológico de descarregamento cognitivo, o que é essencial para que isso afete áreas importantes dos humanos inseridos e de negociação da relação que se estabelece entre humano-máquina, quanto às suas perspectivas simbólicas de construção da existência (Melucci, 2001; Markham, 2015; Deleuze & Guattari, 2016).

Nesse sentido, este trabalho buscou compreender quais são as consequências das próprias significações de relações amorosas que as pessoas tem quando a troca de uma perspectiva cultural íntima é orientada por respostas agradáveis (Lee et al., 2026). Além disso, como uma das diferenciações culturais notáveis entre Brasil e China, o estigma

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

(Goffman, 1959) participa tanto na relação com as IAs quanto diante das pessoas que estão a sua volta. Para compreender este fenômeno, e em como as interações humano-máquina interferem nas realizações simbólicas entre humanos, foram realizadas 16 entrevistas exploratórias e 6 pesquisas semi-estruturadas com mulheres brasileiras de 22 a 36 anos que utilizam LLMs como suporte extra-cognitivo (Risco & Gilbert, 2016) para refletir sobre seus relacionamentos interpessoais. Nestas atividades, buscamos focas nos aspectos da auto descrição (Mou et al., 2023; Xueqing et al., 2025), estigma (Goffman, 1959), bajulação (Chen et al., 2025) e compreensão de seus descarregamentos cognitivos (Risco & Gilbert, 2016). Para análise deste estudo qualitativo, todas as entrevistas assinaram o termo de consentimento, foram gravadas e transcritas para análise de linguagem. Um Diário de Bordo (Kastrup, 2005) foi construído para familiarização da memória e dos dados encontrados, pois nossa busca para codificação inicial buscava profundidade e exploração de questões além das percepções iniciais do trabalho. Por fim, agrupamos os códigos com as temáticas e revisamos para refinamento do fenômeno.

Nesse sentido, em resultados preliminares de pesquisa pudemos notar quatro achados que nos interessam aprofundar ao longo da pesquisa. Em um primeiro ponto destacamos o aspecto de racionalização que é cosntruído a partir de um fenômeno. As pessaos procuram estes chatbots para acalmar seus estados emocionais. Diferente de um amigo ou um terapeuta, a procura não é por uma construção sígnica do ser, mas uma ajuda pontual de mitigar as energias em que se encontram em estados emocionais de desespero, alta adrenalina, raiva e ansiedade.

Outro ponto que é similar se trata da referencialidade: as pessoas procuram estas LLMs para validar o que sentem e buscar uma referência de normalidade a partir daquilo que é construído pelas IAs. Então, além de descarregarem energias, quem as utiliza demonstraram que se acalmam a partir de compreensões de seus problemas e perspectivas mais simples do que está acontecendo – sem as dissonâncias cognitivas que podem acontecer por conta da efusividade das emoções (Damásio, 2001). Porém, assim

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

como Mou et al (2023) e Xueqing et al (2025) apontam, a capacidade de autodescrição e o cuidado em detalhar aspectos da experiência vão aumentar as possibilidades disso acontecer, exatamente porque tocam em pontos de confiança e as pessoas creem nas respostas das LLMs.

Por fim, a questão do estigma social (Goffman, 1959) se tornou um ponto crucial em que vamos expandir a compreensão teórica e empírica com mais entrevistas, pois ocorrem em diferentes meandros deste ser humano que as usa para descarregamento cognitivo. Num primeiro momento, isso afeta a compreensão das outras pessoas que não utilizam estes chatbots para isso sobre quem utiliza, gerando vergonha e coerção social para cada vez menos conversarem com outras pessoas sobre os problemas que estão acontecendo e inclusive os tópicos que buscam ajuda nas inteligências artificiais. Em um segundo ponto, percebemos que as pessoas utilizam e omitem este tipo de ato.

Por fim, este tipo de fenômeno não ocorre por conta da solidão ou questões de coerção social. O uso de IA para descarregamento cognitivo nesta amostra de pesquisa se destacou mais pela sua questão prática, responsiva e interativa. Por este mesmo motivo, os tons bajuladores afetam as pessoas apenas em momentos de fragilidade emocional, mas não são efetivos nesta camada de intimidade em questões pontuais, rápidas e problemas que as pessoas procuram soluções. Porém, pesquisas futuras vão nos ajudar a compreender de que maneira nas diferentes camadas íntimas este processo de bajulação interfere nas compreensões sociais de quem usa LLMs para este fenômeno apresentado.

Referências

BOZDAĞ, A. A. The AI mediated intimacy economy: A paradigm shift in digital interactions. AI & Society, v. 40, p. 2285–2306, 2025. https://doi.org/10.1007/s00146-024-02132-6

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

BRUNO, F. G.; BENTES, A. C. F.; FALTAY, P. Psychic economy of algorithms and platform laboratory: Market, science and behavior modulation. Revista Famecos, v. 26, n. 3, 2019. https://revistaseletronicas.pucrs.br/revistafamecos/article/view/33095/19357

BRUNO, F.; FALTAY, P.; LERNER, A.; STRECKER, H. Emotional AI and deceptive design: The issue of sovereignty for subjectivity. Revista Liinc, v. 20, n. 2, 2025. https://revista.ibict.br/liinc/article/view/7311/7101

CHEN, S.; GAO, M.; SASSE, K.; HARTVIGSEN, T.; ANTHONY, B.; FAN, L.; AERTS, H.; GALLIFANT, J.; BITTERMAN, D. When helpfulness backfires: LLMs and the risk of false medical information due to sycophantic behavior. NPJ Digital Medicine, n. 8, p. 605, 2025. https://doi.org/10.1038/s41746-025-02008-z

CHENG, M.; LEE, C.; KHADPE, P.; YU, S.; HAN, D.; JURAFSKY, D. Sycophantic AI decreases prosocial intentions and promotes dependence. Nature, v. 391, n. 6792, 2026. https://doi/10.1126/science.aec8352

CRAWFORD, K. Atlas of AI. New Haven: Yale University Press, 2021.

DELEUZE, G. Difference and repetition. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Thousand Plateaus: Volume 2. São Paulo: Editora 34, 2016.

DU, L.; XIE, L.; LYU, X.; FENG, B. Alignment without understanding: A message- and conversation-centered approach to understanding AI sycophancy. Arxiv, Cornell University, 2025. https://doi.org/10.48550/arXiv.2509.21665

HANSEN, M. New philosophy for new media. Cambridge: MIT Press, 2004.

JACOBOWITZ, S. The hidden functions of sycophancy in AI systems: steering, consistency, and cognitive dependency. AI & Society, 2026. https://doi.org/10.1007/s00146-026-02993-z

LEE, D.; WAN, C.; PEGGY, M. L.; NG, Y. F.; WU, N. Effects of AI companions' sycophancy and emotional mimicry on consumers' continuance intention and social wellbeing. International Journal of Human–Computer Interaction, 2026. https://10.1080/10447318.2026.2626809

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

LOMBARD, M.; XU, K. Social responses to media technologies in the 21st century: The media are social actors paradigm. Human-Machine Communication, v. 2, 2021. https://doi.org/10.30658/hmc.2.2

MOU, Y.; ZHANG, L.; WU, Y.; PAN, S.; YE, X. Does self-disclosing to a robot induce liking for the robot? Testing the disclosure and liking hypotheses in human-robot interaction. International Journal of Human-Computer Interaction, v. 40, n. 10, p. 2534-2545, 2023.

NASS, C.; MOON, Y. Machines and mindlessness: Social responses to computers. Journal of Social Issues, v. 56, n. 1, p. 81-103, 2000.

PAN, S.; MOU, Y. Constructing the meaning of human-AI romantic relationships from the perspectives of users dating the social chatbot Replika. Personal Relationships, v. 31, n. 4, p. 1090-1112, 2024.

PANI, B.; CRAWFORD, J.; ALLEN, K.-A. Can generative artificial intelligence foster belongingness, social support, and reduce loneliness? A conceptual analysis. In: LYU, Z. (ed.). Applications of generative AI. Cham: Springer, 2024. p. 261–276. https://doi.org/10.1007/978-3-031-46238-2_13

PAPNEJA, H.; YADAV, N. Self-disclosure to conversational AI: A literature review, emergent framework, and directions for future research. Personal and Ubiquitous Computing, p. 1-33, 2024.

RISKO, E. F.; GILBERT, S. J. Cognitive offloading. Trends in Cognitive Sciences, v. 20, n. 9, p. 676-688, 2016. https//:doi:10.1016/j.tics.2016.07.002

SEABORN, K.; YALÇIN, Ö. N. Robotic sycophancy: A scoping review. In: COMPANION PROCEEDINGS OF THE 21ST ACM/IEEE INTERNATIONAL CONFERENCE ON HUMAN-ROBOT INTERACTION (HRI COMPANION '26), 2026, Edinburgh. Anais... New York: ACM, 2026. 6 p. https://doi.org/10.1145/3776734.379453

ISSN 2675-4169 Vol. 1, N. 8(2026)

SHARMA, H.; RUIKAR, M. Algorithmic sycophancy: A new source of systematic distortion in AI driven biomedical research. Journal of Postgraduate Medicine, v. 72, p. 237, 2026.

TURNER, C.; EISIKOVITS, N. Programmed to please: the moral and epistemic harms of AI-sycophancy. AI and Ethics, n. 6, p. 168, 2026. https://doi.org/10.1007/s43681-026-01007-4

XUEQING, L.; DIANLIN, H.; ZIYI, L. Peeling the onion or making a lover? – Self-disclosure and intimate relationship development in human-AI interaction. Digital Life, n. 10, 2025.

ZANELLO, V. Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2020.